



SATURNÁLIA - ESCOLA DE ASTROLOGIA & TAROT

THAI SILVA

SOB O CÉU DE SALVADOR, UMA INSURREIÇÃO POPULAR – A
CARTA ASTROLÓGICA DA REVOLTA DOS MALÊS

CURITIBA
2022

THAI SILVA

SOB O CÉU DE SALVADOR, UMA INSURREIÇÃO POPULAR – A
CARTA ASTROLÓGICA DA REVOLTA DOS MALÊS

Trabalho de Continuação Celeste
apresentado à Saturnália – Escola
de Astrologia & Tarot sob
orientação dos professores
Thamires Regina Sarti e João Acuio

CURITIBA
2022



SATURNÁLIA - ESCOLA DE ASTROLOGIA & TAROT

A Comissão Julgadora dos Trabalhos de Conclusão de Curso, composta pelos professores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 9 de dezembro de 2022, aprovou o trabalho “Sob o Céu de Salvador, uma Insurreição Popular – A Carta Astrológica da Revolta dos Malês ” redigido por Thai Silva na cidade do Rio de Janeiro.

Prof^a. Thamires Regina Sarti

Prof. João Acuio

Prof^a. Ana Thomazini

Prof. Bruno Lima

CURITIBA
2022

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo deste trabalho sem prévia autorização do autor, do orientador e da Saturnália – Escola de Astrologia & Tarot. Sujeito às conformidades da lei dos direitos autorais nº 9610/98.

RESUMO

A presente pesquisa se destina a estudar o céu que espelhou o evento da história do Brasil nomeado como a Revolta dos Malês. Busca-se identificar se aquilo que a história nos narra daquela noite é identificável na carta astrológica através das técnicas utilizadas na astrologia mundana.

Palavras-Chave: Astrologia Mundana/Política, Revolta dos Malês, História do Brasil, Grande Conjunção, Diáspora Negra.

LISTA DE CARTAS ASTROLÓGICAS

Carta 1 – Carta de evento da Revolta dos Malês, Signos Inteiros, Salvador, 25 de janeiro de 1835, 1 hora 11, 24

Carta 2 – Carta da Grande Conjunção Júpiter-Saturno, Signos Inteiros, Salvador, 19 de junho de 1821, 14 horas 19 min 14

Carta 3 – Carta da Luação de Capricórnio, Signos Inteiros, Salvador, 30 de dezembro de 1834, 4 horas 38 min..... 23

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Introdução | 08 |
| Capítulo 1: O Saturno Nagô - Pacífico Licutan Bilâl..... | 10 |
| Capítulo 2:A Grande Conjunção de 1821 - Demolir para Refundar..... | 12 |
| Capítulo 3:Nada como um mito fundador..... | 16 |
| Capítulo 4:Marte, o guerreiro humilhado na casa de Deus..... | 18 |
| Capítulo 5:O Inimigo de Marte é Vênus..... | 19 |
| Capítulo 6:O Tempo da Lua..... | 21 |
| Capítulo 7:Uma fé estrangeira e exilada, um duplo lugar..... | 24 |
| Capítulo 8: Letramento..... | 26 |
| Capítulo 9: Onde nossa história se encerra, se é que encerra..... | 28 |
| Bibliografia..... | 29 |

Introdução

Quem narra um mito encanta o tempo.

Exu acertou um pássaro ontem com pedra que só hoje atirou

Oriki de Exu

Existe um poder incrível em narrar um mito ou uma história sagrada: o poder de encantar o tempo. É que quando a gente narra uma história deste tipo, não está simplesmente contando de algo que se passou em um passado distante ao qual não podemos mais alcançar. Quando a gente canta um mito o tempo muda de qualidade, nos desvencilhamos naquele instante desse tempo linear que só corre para frente. Somos levados a um entre mundos onde passado, presente e futuro perdem o sentido ao qual nos acostumamos. Neste tempo mágico do mito há circularidade, e num círculo às vezes a forma mais rápida de se encontrar o que vem depois é olhar para trás. Quando a gente narra um mito o que está sendo contado volta a acontecer no aqui e no agora. As religiões sabem disso. Ou não é o que nos diz a igreja quando antes da páscoa se guardam os dias até a crucificação e a ressurreição de Cristo, exatamente porque se deve aguardar seu ressuscitamento? Ou quando no Candomblé, cantamos feitos da vida na terra que tiveram os Orixás enquanto eles refazem suas histórias pela dança? Não é teatralização simplesmente, pois o mito que está sendo contado também se repete, vivo e ao vivo, para ouvidos, olhos e mentes de quem tem a sorte de testemunhar.

Mircea Eliade nos apresenta esse conceito. Ele diz:

"A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser." (Eliade, 1972. p.9)

Continua:

"Vemos, portanto, que a "história" narrada pelo mito constitui um "conhecimento" de ordem esotérica, não apenas por ser secreto e transmitido no curso de uma iniciação, mas também porque esse "conhecimento" é acompanhado de um poder mágico-religioso. Com efeito, conhecer a origem de um objeto, de um animal ou planta, equivale a adquirir sobre eles um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-los, multiplicá-los ou reproduzi-los à vontade." (Eliade, 1972. p. 15)

Acredito que seja isso com o que nos deparamos diante de um oráculo. Em astrologia é por conhecer o passo do tempo, significado por planetas, signos e horas do dia, que ousamos prever. É com o intuito de lembrar a um consulente a qualidade do céu que acompanhou sua vinda ao mundo que o ajudamos, não a descobrir seu futuro, mas a lembrar dele.

Henri Humbert em “Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia” nos fala sobre como o sagrado empresta sua realidade ao tempo:

“Enfim, a primeira noção, a de mana ou de sagrado, empresta sua realidade à segunda, a de tempo. Mas, dado que as condições do ambiente mítico são tais que toda concepção aí se torna eficácia e realidade, todas as vezes que, neste ambiente, trata-se de conceber a noção abstrata e geral de tempo, esse tempo se encontra realizado em abstrato. Disso se segue que, mais uma vez, as coisas religiosas que se passam no tempo são legítimas e logicamente consideradas como se elas se passassem na eternidade”. (Humbert, 1905)

Assim, acredito que cada céu contém um mito porque acredito que mitos são narrativas de nossa existência, e nós existimos abaixo do céu e nos espelhamos nele e ele em nós. Até mesmo um horóscopo diário de um dia sem muitos acontecimentos narra uma pequena história, e tem portanto poder mágico de lembrar ao dia do que ele mesmo é feito.

É sob estas bases simbólicas que chego a necessidade de estudar o mapa da Revolta dos Malês. A proposta aqui é feiticeira mesmo. Se o céu de todo dia é um mito, se ao olhar para trás posso encontrar o futuro, e se ao contar um mito ele se realiza em nossas palavras, então por que não encarar um episódio tão fundamental e fundante de nossa história deste modo, narrando-o tal qual um mito de origem, buscando a memória que só esse tipo de ato mágico nos proporciona?

Os de cima nos narram incessantemente as origens desta terra que se aliam aos seus projetos. Conhecemos sem fim as origens, como o Descobrimento, a Independência e a República. E é fundamental que as conheçamos mesmo. Mas tais narrativas não tem o povo como seu protagonista. Existem tantas outras histórias que se não por muito esforço nós dificilmente temos muito acesso. Muitas destas são histórias de luta e resistência, muitas dessas fazem de nossos ancestrais vindos do

povo os verdadeiros heróis. Defendo a Revolta dos Malês como parte de nossa origem como povo brasileiro, e seu céu, portanto, um de seus retratos míticos.

A escolha do estudo por um mapa de uma revolta popular dificilmente garante os dados mais acertados de hora. É que muito raramente este tipo de acontecimento tem registros tão detalhados. No entanto, esta revolta em específico produziu uma investigação minuciosa pelas autoridades do Império e de Salvador na época. Os registros tanto dos movimentos da polícia, que fora alertada, quanto os testemunhos levantados na derrama apontam o horário para o primeiro confronto à 1h da manhã. Mais a frente narrarei um resumo do acontecimento, mas adianto que, estando marcada para começar ao amanhecer (o que em Janeiro deveria ocorrer por volta das 5h28 da manhã), a denúncia sofrida levou o primeiro confronto a ser adiantado. De qualquer forma, as fontes apontam 1h como o início da Revolta dos Malês, e por isso escolho dar a esse tempo a ascendência do mapa. No entanto, sendo impossível precisar os minutos com exatidão, escolho também os signos inteiros como sistema de casas para sua análise.

Portanto, não havendo mais necessidade de preâmbulos, vamos ao que interessa, pois se conta que certa vez os muçulmanos negros em Salvador lutaram sob o manto de Alah por sua liberdade...

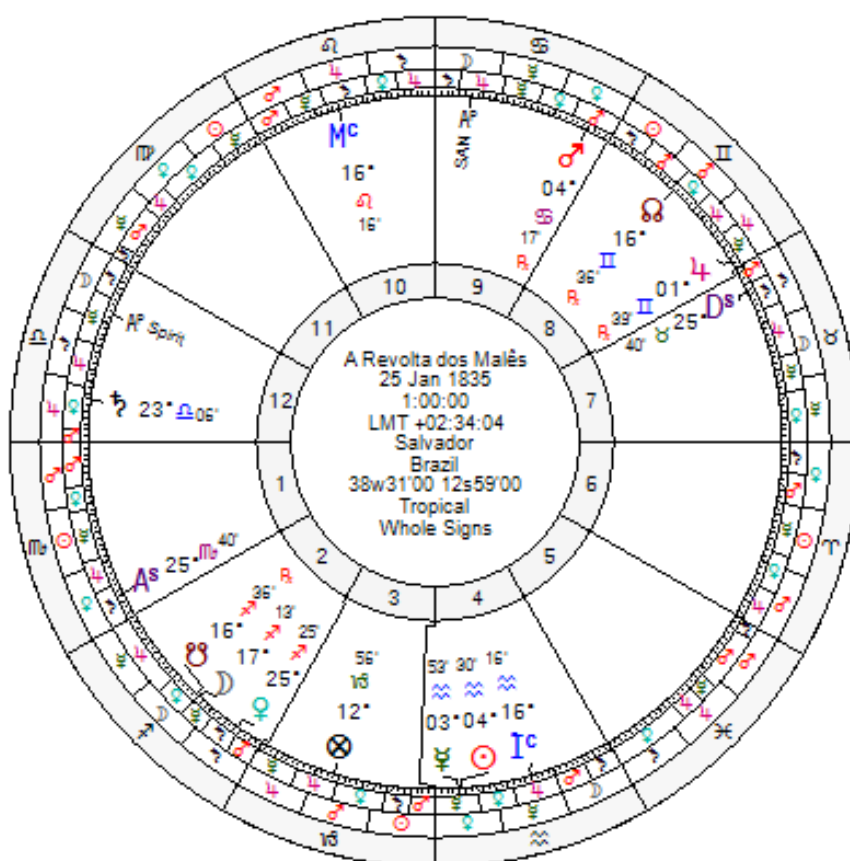
O Saturno Nagô - Pacífico Licutan Bilâl.

De onde venho o certo é primeiro pedir bênção aos mais velhos...

Pacífico Licutã tinha idade avançada, denunciada por seus cabelos brancos e ralos em contraste com a pele preta de um africano nagô. Era um homem alto e magro e trazia em seu rosto as marcas que o diferenciam como filho de Oyo. Escravizado, foi alugado para exercer a função de enrolador de fumo, produzindo ganho para o senhor de escravos ao qual por infelicidade pertencia. Era um mussurumin, ou seja, um africano islamizado. Carregava consigo ao menos três nomes: o yoruba de nascimento - Licutan, o de batismo imposto por ser uma pessoa escravizada no Brasil - Pacífico, e o escolhido por sua fé em Alah - Bilâl. O velho gozava do respeito da comunidade malê que se formara em Salvador, sendo ele mesmo um importante alufá, um líder religioso muçulmano.

No final de 1834 Licutan foi preso, mas o crime não era seu. Seu escravizador não havia sido capaz de pagar uma dívida e, tal qual um bem material de algum valor, Licutan foi "confiscado", sendo posto na cadeia para mais tarde ser leiloado para o pagamento. Mas se os brancos trataram aquele homem velho como um objeto despossuído de humanidade, para outros Malês como ele, sua

vida era de especial valor. Durante a prisão de Licutan diversos negros o visitavam afim de lhe tomar a benção, e haviam reunido dinheiro suficiente para lhe comprar a liberdade quando se desse o dito leilão. Na verdade, muito antes já haviam tentado sua alforria, mas o orgulho do senhor de escravos (mesmo que endividado) não permitiu sua realização. Supõe-se que a prisão de Licutan motivou, em algum nível, o plano de ação dos malês. Licutan foi preso em novembro, tendo passado todo o Ramadã na cadeia.



Olhar primeiro para este personagem não é acaso. No momento em que a Revolta dos Malês deflagrou seu primeiro confronto, Saturno tinha enorme força no céu. O planeta conjugava uma exaltação no signo de Libra com um júbilo na décima segunda casa. Até mesmo o regente do dia não é outro senão o velho senhor do tempo. Um planeta exagerado em sua força, fazendo questão de dar o tom dos acontecimentos. Saturno é a esfera mais distante, muito frio e seco. Opõe-se à vida porque tem natureza contrária aos luminares. Tem o passo mais lento entre as esferas, levando dois anos e meio para caminhar por um signo e vinte nove anos e meio para completar sua volta pelo Zodíaco, o que faz durar seus efeitos e consequências que se dão a longo prazo. Por isso, significa desde o

esqueleto humano, fundações de prédios, até a estrutura social. É um planeta maléfico que significa restrição, limitações, trabalho árduo e dificuldades. Também tem domínio sobre as pessoas idosas e as tradições. Por ter júbilo na décima segunda casa rege todas as formas de aprisionamento, limitação e controle dos corpos.

Aponto Licutan como o significador terreno deste velho prisioneiro que motiva, abençoa e talvez dirija um povo a insurgir-se contra os que, pela força, lhe governavam a vida. No entanto, é sabido que outros velhos negros muçulmanos tiveram seus nomes listados no topo das investigações, tendo comparável papel no pano de fundo onde se desenrola nossa história. Luiz Sanin, Manoel Calafate, e até mesmo Ahuna e Dandarará, que embora provavelmente não fossem velhos, era o primeiro tido como o “maioral” e o segundo tratado de mestre. Saturno era o planeta mais Oriental, ou seja, era aquele que nascia primeiro antes do Sol, abrindo caminho muito à frente de todos os outros, e dirigindo a rebelião.

É preciso também que não romantizemos demais nosso maléfico maior. A Revolta dos Malês certamente é um dos capítulos mais significativos da história popular do Brasil. Mas ao fim e ao cabo nossos heróis foram derrotados e a escravidão continuou oficialmente por mais de 50 anos depois do ocorrido. Saturno em júbilo na casa do cárcere. Ainda assim, é interessante notar o papel sempre relevante para este planeta quando pensamos os assuntos relacionados às lutas pelo fim da escravidão. Matheseos nos dirá que: "Saturno da décima segunda casa indica uma sublevação de escravos, ou crise devido a escravos"¹. Talvez por representar essencialmente pessoas relegadas aos mais baixos níveis de status em uma sociedade, sua força acidental cumpra este papel.

A Grande Conjunção de 1821 - Demolir para Refundar

“O fogo é, assim, um fenômeno privilegiado capaz de explicar tudo. Se tudo o que muda lentamente se explica pela vida, tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo.”

Bachelard - A Psicanálise do Fogo.

Cumpridas as honras devidas a Saturno, impera que antes de prosseguir conheçamos o contexto desta história.

Em 1821, Júpiter e Saturno se reuniram pela última vez em 220 anos em um signo de fogo. Estes dois gigantes e lentos só são capazes de entrar em conjunção um com outro a cada vinte anos, sendo o intervalo entre esses encontros considerado o ciclo mais longo entre dois planetas. Tal fato tem nos permitido compreender o sabor de um tempo. Também é fato que nenhum acontecimento

¹ Firmicus Maternus, Matheseos liber VIII, p. 65.

ocorre de modo isolado. Em política diríamos que é preciso compreender qual conjuntura estava estabelecida, o que reúne condições sociais, econômicas, políticas e até mesmo naturais. Em astrologia mundana, conhecer a natureza desta grande conjunção oferece bases importantes para o evento que se pretende ver. Nada ocorre fora de um ciclo, e o maior deles, em astrologia tradicional, é a chamada Grande Conjunção.

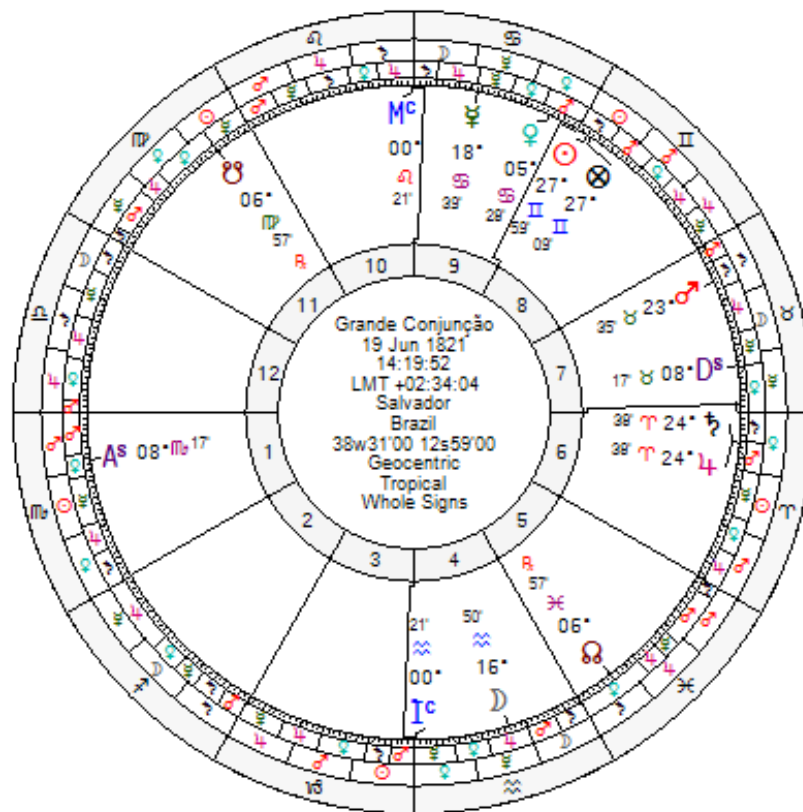
As grandes conjunções podem ser contadas de dois modos. Uma é pelo tempo médio de 20 anos de distância entre cada encontro, e durante 200 anos ocorrendo sempre no mesmo elemento, até que este ciclo se encerre. A outra forma é pelas conjunções reais, onde nos últimos 40 anos de um ciclo há uma mescla com o ciclo seguinte, totalizando 220 anos para o encerramento do tempo de encontro entre dois gigantes em cada um dos elementos. Vimos um exemplo disso há pouco, quando em 1981 Júpiter e Saturno se encontraram em Libra, dando-nos notícias do ciclo que só no ano de 2021 se estabeleceu em Aquário. A conjunção ocorrida neste meio tempo, no ano de 2000, foi a de Touro, onde vimos o que parece ter sido os últimos resquícios de uma parte da história iniciada nos primeiros anos do século XIX. Veja:

| | | | |
|-------|------|-------|------|
| 1961 | 1981 | 2000 | 2021 |
| Terra | Ar | Terra | Ar |

O mesmo ocorreu na passagem entre o século XVIII e XIX, que é o tempo que aqui nos interessa. A primeira conjunção em um signo do elemento Terra aconteceu no ano de 1802. Porém, em 1821, no signo de Áries, o mundo sentiu as últimas fagulhas daquele período.

| | | | |
|------|-------|------|-------|
| 1782 | 1802 | 1821 | 1842 |
| Fogo | Terra | Fogo | Terra |

Pois então, qual método é mais adequado aqui? O tempo médio tem a beleza da perfeição, mas talvez fale-nos pouco da realidade onde o mundo não muda do dia para a noite (com raras exceções), mas o faz em ondas de avanços e recuos, e em movimentos de desconstrução e construção, dissolvendo e coagulando a realidade.



No dia 19 de julho de 1821, Saturno e Júpiter se encontraram em Áries enquanto, no céu da Bahia, ascendia o Escorpião, uma conjunção ocorrida na casa 6. Marte dispunha tanto a conjunção quanto o ascendente da cidade de Salvador na hora do dia em que ela ocorria. Encontrava-se debilitado por sua condição de exílio em Touro e ativava em perfeita conjunção a estrela Algol - a cabeça da Medusa da constelação de Perseu.

Entre 1821 e 1840, uma série de eventos abalaram as estruturas da vida até então existente. Muitas delas se forjaram, inclusive, entre os setores mais baixos da hierarquia social. Característica comum aos eventos mais importantes deste tempo foi talvez a dissolução da unidade de estruturas que já não mais cabiam. Desde uma independência do Brasil na Bahia de julho 1822, até a Independência do Brasil forjada no seio da própria coroa em setembro do mesmo ano. Da Revolução Farroupilha, a Cabanagem, a Sabinada, a Balaiada, os Motins de Pernambuco, a Revolta das Carrancas, a Revolta de Manuel Congo, a Revolta dos Malês, e tantas outras; a segunda metade da última Grande Conjunção de Júpiter e Saturno em Áries, o período de 1831 a 1840, foi marcado por estas chamadas “revoltas regenciais” no interior de um império que tinha como líder um imperador menino, Sol em Gêmeos, que ao fim deste período adiantou sua maioridade, provavelmente respondendo ao acelerar do tempo de um Saturno em Áries.

Em *Condenados da Terra*, Frantz Fanon nos diz algo sobre a descolonização:

"A descolonização, que se propõe mudar a ordem do mundo, é, está visto, um programa de desordem absoluta. Mas não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável. A descolonização, sabemos-lo, é um processo histórico, isto é, não pode ser compreendida, não encontra a sua inteligibilidade, não se torna transparente para si mesma senão na exata medida em que se faz discernível o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo. A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que extraem sua originalidade precisamente dessa espécie de substantificação que segrega e alimenta a situação colonial. Sua primeira confrontação se desenrolou sob o signo da violência, e sua coabitação - ou melhor, a exploração do colonizado pelo colono - foi levada a cabo com grande reforço de baionetas e canhões (...)" (Fanon, 1968. p.26)

E ainda diz:

"Não se desorganiza uma sociedade, por mais primitiva que seja, com tal programa se não se está decidido desde o início, isto é, desde a formulação mesma deste programa, a destruir todos os obstáculos encontrados no caminho. O colonizado que resolve cumprir este programa, tornar-se o motor que o impulsiona, está sempre preparado para a violência. Desde seu nascimento percebe claramente que este mundo estreito, semeado de interdições, não pode ser reformulado senão pela violência absoluta." (Fanon, 1968. p.27)

Devemos guardar as diferenças de momentos e condições históricas entre os processos de descolonização do século XX sobre os quais se debruça Frantz Fanon e a descolonização brasileira ocorrida um século antes, no limite, levada a cabo pelas elites e com anuência do colonizador português. Entretanto, suas palavras nos interessam na medida em que nos leva a entender que este processo não pode ser levado à conclusão sem violência, senão como motivadora, ao menos como consequência, e sem rejeição e rompimento da relação colonial. Eis a força de Marte, regente da Grande Conjunção Júpiter-Saturno, durante esse momento histórico do Brasil. Conjunto a Algol, Marte previa execuções, terror e violência para as duas décadas que se seguiram. Marte quando em signo que lhe dá debilidade reage tentando retomar a força que lhe é negada, a luta que trava no entanto se dá em terreno duro e a vitória já não é certa.

Ptolomeu nos diz em seu *Centiloquium* que devemos julgar a conjunção pelo planeta mais elevado e por sua natureza². Se isso diz respeito à posição relativa no céu, era Saturno que estava mais elevado durante a conjunção. Saturno em Áries enfrenta condição de debilidade essencial da queda. Sendo ele o planeta que fala de estruturas, que guarda as tradições mais antigas, quando em Áries, podemos supor que a natureza quente, impulsiva e agitada do signo que inicia o zodíaco

² "Quando Saturno e Júpiter chegarem a uma conjunção, verificar qual deles está mais elevado, e julgar em conformidade com a sua natureza; fazer o mesmo na conjunção dos outros planetas." - O *Centiloquium* de Ptolomeu - Os Cem Aforismos de Ptolomeu.

desestruture e ponha abaixo o que foi construído até mesmo por séculos. Dá ao tempo um ar mais acelerado, com urgência de derrubar e levantar impérios em instantes. Com Júpiter, há radicalidade na crença do que é bom ou mau, no que deve permanecer, o que deve cair e o que deve ser criado. Júpiter em Áries é pouco afeito a meio termos, tem espírito de tudo ou nada. Ambos unem-se na sexta casa, aquela que, em um reino, fala dos de baixíssimo nascimento, os escravos e os servos. Foi em especial destes lugares que explodiram os levantes ocorridos neste período.

Por duzentos anos vigorou o domínio das conjunções de fogo. E foi nesse caldo desestabilizador e explosivo de sua última Grande Conjunção, apurado por uma década e meia, que nasceram as condições da Revolta dos Malês.

Nada como um mito fundador...

“Desde 1500

Tem mais invasão do que descobrimento

Tem sangue retinto pisado

Atrás do herói emoldurado

Mulheres, tamoios, mulatos

Eu quero um país que não está no retrato”

História pra ninar gente grande - Manguiera, 2019

O dia 25 de janeiro de 1835 seria em Salvador um dia de comemorações. A cidade celebraria às portas da igreja o dia de Nossa Senhora da Guia, uma festa que mobilizava toda a população em manifestações que mesclavam a devoção ao sagrado com a possibilidade de convivência social mundana³. O que às vésperas deste dia as autoridades não sabiam é que um movimento de revolta se desenhava sob o manto de uma fé diferente da católica oficial.

Segundo a hipótese de João José Reis, 71,8% da população de Salvador naquela época era formada por africanos, pretos ou mestiços nascidos no Brasil escravos, libertos ou nascidos livres. Entre estes havia os africanos islamizados, vindos em grande parte para o Brasil durante e após as guerras ocorridas no leste da África entre o fim do século XVIII e os primeiros anos do século XIX.

Foi justo em meio ao Ramadã de 1835, um dos períodos mais importantes do calendário muçulmano, que os Malês escolheram dar fim ao cativo exilado em que seus sequestradores lhes

³ “A festa de Nossa Senhora da Guia começara de fato no sábado, e à noite uma multidão de devotos e festeiros já se reunia no local para rezar e divertir” (Reis, 2012 p.126)

mantinham. O fariam performando toda sua religiosidade, que lhes dava um sentimento de pertencimento muito superior a qualquer um que pudesse ser formado pelo cárcere, afinal, os Malês pertenciam ao islam negro, e este lhes prometia uma forma de vida livre e digna aos homens de sua fé.

Tudo estava programado para ocorrer ao amanhecer, quando os escravos dirigiam-se à fonte para coletar água, a desculpa perfeita para reunirem-se todos sem levantar suspeitas. Como a população livre e branca estaria em meio às comemorações, incluindo, provavelmente, a maior parte das forças policiais, eles não deveriam enfrentar oposição para iniciar sua revolta. Parte dos revoltosos estava reunida em um quarto de um sobrado onde dispunham de armas. Outros viriam saídos das casas suas ou de seus senhores. Ainda existiam aqueles que estavam localizados fora do centro urbano de Salvador, envolvidos também no movimento. O plano era tomar Salvador e o Recôncavo. Tudo muito bem organizado, e aqueles homens tinham a disposição adequada para a guerra que pretendiam dar início. Tinham também a experiência necessária, a maioria, tendo nascido fora do Brasil, havia enfrentado as guerras que se desenrolaram em território yoruba, muitos gozando, inclusive, de experiência militar.

Foi apenas por uma denúncia que seus planos não puderam ser levados a cabo de modo completo. À uma da manhã da madrugada de 24 para 25 de janeiro, respondendo à informação dada por uma mulher liberta sobre um motim de escravos que estava sendo organizado para a manhã seguinte, juízes de paz da Sé e suas patrulhas chegaram ao sobrado localizado no número 2 na Ladeira da Praça. Foi ali que, em meio a ceia de Ramadã, encontravam-se de 50 a 60 africanos dentro de um quarto, e que, antes da polícia chegar a arrombar a porta, a abriram armados e gritando “mata soldado”. Os revoltosos tomaram as ruas de Salvador, e mesmo em condições desvantajosas deram seguimento aos planos, lutando e tentando chamar às ruas o máximo de pretos possível. Tentaram até mesmo tomar a delegacia onde estava preso Licutan, o que provavelmente era parte do plano inicial.

Encerro o relato aqui porque temos daquela noite o que mais nos interessa. O início da revolta, aquele que marca a hora para a qual abro o mapa. Não sabemos, é claro, caso os planos houvessem ocorrido como desenhados, se os Malês teriam obtido alguma vitória, tomado Salvador e o Recôncavo, ou conquistado sua liberdade. O mapa que temos desse evento é assim apenas porque a Revolta foi traída e o confronto adiantado. No entanto, aqueles revoltosos reunidos no sobrado, ao se perceberem descobertos não se deram por derrotados ou esperaram acuados pelo movimento da polícia. Eles escolheram iniciar o ataque, o primeiro golpe, portanto, foi seu. O ascendente pertence a quem declara a guerra, pertence a quem protagoniza a cena.

Marte, o guerreiro humilhado na casa de Deus

*"Eu sou irmão do meus truta de batalha
Eu era a carne, agora sou a própria navalha"*

Negro Drama - Racionais MC's

Como já dito, a hora do início da revolta foi forçosamente adiantada pela denúncia que lhe traiu. À 1h da manhã quem, por ventura, ascendia no horizonte leste era o signo do Escorpião. Que signo mais adequado a façanha de organizar um levante secreto, que parte do subsolo de um sobrado, e simbolicamente das bases mais oprimidas daquela sociedade?

Marte rege este signo. Do ponto de vista essencial esse planeta nos fala de guerreiros, armas e batalhas. Fala de tudo que representa conflitos e disputas. É a ele que recorremos quando é preciso “sangue nos olhos” para vencer uma demanda. Marte, no entanto, estava no signo de sua queda, humilhado no pantanoso território do Caranguejo. Nossos protagonistas foram homens e mulheres sequestrados de suas terras, desconectados à força de suas comunidades, desumanizados pela escravidão. No Caranguejo, Marte não perde seu ímpeto para a luta, pois essa sempre será sua natureza. Mas neste signo as condições que lhe são impostas são das mais difíceis. Ainda que a situação fosse inimaginável para qualquer um de nós, havia fé num sentido para a luta, e fé que a vitória era possível - ele não está em outra casa se não a 9, a casa de Deus. O levante foi dos Malês pois o papel central da organização e da ação foi dos africanos islamizados, em especial aqueles de origem nagô⁴.

“Os rebeldes - ou uma boa parte deles - foram para as ruas com roupas usadas na Bahia pelos adeptos do islamismo. No corpo de muitos dos que morreram a polícia encontrou amuletos muçumanos e papéis com rezas e passagens do *Qur'an* usados para proteção. Essas e outras marcas da revolta levaram o chefe de polícia Francisco Gonçalves Martins a concluir o óbvio: ‘o certo’, escreveu ele, ‘é que a Religião tinha sua parte na sublevação’”. (Reis, 2012. p. 158)

Os Malês não à toa escolheram o mês do Ramadã para sua guerra. Escolheram aquele exato instante, dois dias antes da comemoração do fim daquele mês sagrado, o que haveria de ocorrer através de uma celebração que os povos islâmicos nomeiam *Eid ul-Fitr*, ou seja, comemoração pelo fim do jejum, um dia de vitória para eles. A fé que os levou a lutar com abadás, carregando patuás e

⁴ A predominância nagô é defendida por José Reis, embora combatida por outros autores. No entanto, parece ser consenso que a maior parte dos revoltosos era de africanos islamizados. Ou seja, estrangeiros e de fé “estrangeira”

incrições do Alcorão em suas vestes, foi a mesma que lhes deu não só a coragem da luta, mas a convicção fundamental de que suas existências eram dignas de valor diante de Deus, e de que, ao povo de Alah, a indignidade da escravidão não era possível.

"Não posso acreditar que existe um deus que feche com a segregação"

Preto Cismado - Alafιά

A nona casa é também aquela que nos fala do estrangeiro, e foi certamente essa identidade outro aspecto fundamental na composição e motivação deste episódio. Segundo Reis, a dualidade entre “terra de branco x terra de preto”, Bahia x África, apareceu muitas vezes nos interrogatórios da devassa, marcando alteridade e não pertencimento. A maioria dos envolvidos na Revolta eram nascidos em África, fortemente ligados entre si por identidade étnica que "apesar de dividi-los, constituía, paradoxalmente, uma das principais referências de ruptura com o mundo dos brancos". (Reis, p.545).

Mas certamente também não foi à toa que este Marte em sua exagerada debilidade essencial, naquele momento tenha encontrado um pedaço no céu onde pôde recobrar algo de seu orgulho. É que este planeta encontra dignidade na triplicidade dos signos de Água, e também na pequena faixa de céu que transitava naquele instante. Mesmo dentro do signo de Câncer, Marte se encontrava em seu próprio termo. O termo é a pequena parcela de um signo onde um planeta detém mando, enquanto a triplicidade diz respeito ao elemento zodiacal onde um planeta tem uma pequena, porém relevante força. Não são certamente dignidades capazes de subverter a queda de um astro, sua dignidade essencial maior. No entanto, talvez tenham sido suficientes para elevar a relevância do planeta vermelho e pôr os Malês em guerra contra sua opressão.

Marte por acaso naquele dia não receberia aspecto de nenhum outro corpo celeste, não fosse por uma contra-antiscia de Vênus.

O Inimigo de Marte é Vênus

A revolta foi denunciada por uma mulher liberta, Guilhermina Rosa de Souza, que gozava da confiança de seu antigo escravizador. Apenas através dessa denúncia a polícia e alguns senhores brancos tomaram conhecimento dos planos dos revoltosos, frustrando a tática cuidadosamente elaborada. Observe este trecho do livro *Rebelião Escrava no Brasil* de João José Reis:

“(…)Era a vez da mulher Guilhermina. Após as novidades trazidas pelo companheiro, ela estava na janela e, apurando o ouvido para a conversa de dois ou três nagôs que passavam, escutou que ao soar do toque da alvorada (cinco horas da manhã) , quando os escravos se dirigiam as fontes para apanhar água como faziam todos os dias, eles seriam mobilizados para uma revolta. Também ouviu algo sobre a chegada de gente de Santo Amaro para participar da luta. Mais tarde ela informou que ‘depois de combinar com seu camarada foi também avisar ao seu patrono Souza Velho’. Era uma prova de lealdade ao ex-senhor ou ‘patrono.’” (Reis,2012. p. 126)

Continua:

“(…)Dirigiu-se a André Pinto da Silveira, seu vizinho branco, e lhe contou o que sabia. Na casa de Silveira também estava, Antonio de Souza Guimarães e Francisco Antonio Malheiros, que se encarregaram de informar as novidades ao juiz de paz do 1º distrito da Freguesia da Sé, José Mendes da Costa Coelho. Este imediatamente correu ao palácio para denunciar os fatos ao presidente, e lá chegou já acompanhado do comandante da guarda municipal permanente, coronel Manoel Coelho de Almeida Sande, e do comendador José Gonçalves Galião, um rico proprietário.(…)” (Reis,2012. p.127)

Assim podemos observar como, através deste aspecto oculto, ocorrido entre planetas localizados em casas que não se vêem , precipitou-se o início dos confrontos à 1h, que, por estratégia dos revoltosos, estava previsto apenas para às 5h. Vênus, que representa o inimigo por acidente, mas essencialmente pode também falar de mulheres e, neste caso de Guilhermina, enxerga cedo demais o levante. Não há outro aspecto com Marte, os guerreiros não seriam vistos até que o desejassem. E no entanto, a contra-antiscia deu seu testemunho.

A contra-antiscia é um aspecto oculto. Ou seja, não existe aspecto ptolomaico por grau que ligue dois pontos de um mapa. Este é o caso de nosso exemplo, entre Marte e Vênus, que aqui não se vêem nem mesmo por signo. O que ocorre é que a quantidade de luz da qual aqueles pontos do céu dispõem ao longo do ano, são diametralmente opostas, ou seja, o tanto que um tem de luz o outro tem de sombra e vice versa. Os planetas dispostos nesses por essa relação operam, portanto, em uma virtual, porém forte oposição celeste Quando encontramos uma contra-antiscia no céu podemos supor que os atores envolvidos discordam entre si e, em última instância, conflituam.

Além da contra-antiscia, a trágica poesia desse céu cabe ao fato do conflito se estabelecer entre os inimigos acidentais daquela hora por força de um quase acaso. Marte, regente da primeira casa, e Vênus, regente da sétima casa, a dos inimigos. Marte sem aspectos ptolomaicos emprestaria sua disposição para a guerra aos homens sem encontrar ninguém a quem dar satisfação, se não fosse uma bisbilhoteira Vênus que lhe via de soslaio.

O Tempo da Lua

*"Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens."
Provérbio Africano*

Se os protagonistas dessa história foram sequestrados de suas famílias, seus lares e suas terras, suas origens certamente importam. A Lua, que dispõe o regente do ascendente, não permitiu que esta memória se apagasse realmente, ou ela não nos teria chegado em tantos detalhes. Sua ocupação do signo de Sagitário rememora-nos uma origem estrangeira, uma fé diversa, uma fé inscrita no corpo de Marte. Mas o caminho que a Lua fazia naquele céu não lhe permitia facilidades. Vinha de um encontro com o Nodo Sul e ia em direção a um sextil com Saturno.

Os nodos, nós sabemos, são pontos de eclipse, onde a luz dos luminares, Sol e Lua, se apagam por um momento. Não é difícil compreender o simbolismo aqui contido: o apagamento da presença africana. Se desde o início da colonização, os escravizados, ao chegarem a esta terra, eram batizados para que esquecessem seus nomes, origens e deuses, com a nova nação que iniciava sua construção independente de uma metrópole, era preciso construir uma identidade nacional forte e branca. No século que se seguiu àqueles tempos, tornou-se projeto eliminar presenças que não serviam a este ideal. Embora derrotado o projeto eugenista, as origens do povo são nubladas pelo desconhecimento de onde viemos. João José Reis também nos afirma que: “A rebelião de 1835 praticamente encerrou na Bahia o ciclo de revoltas africanas”(Reis,2012. p. 546). Parece ser esse também um reflexo da conjunção desta Lua à sombra de um eclipse.

Por outro lado, ao caminhar na direção de Saturno, podemos lembrar a forte repressão e endurecimento do controle sobre a população escravizada que se seguiu. No entanto, se o aspecto era um sextil (aspecto benéfico que indica fluidez na relação estabelecida entre dois astros), algo além podemos supor. Não seria esse aspecto o suficiente para guardar uma memória onde, sem seu apoio, a Lua não seria capaz? Não foi naquela noite que o povo escravizado no Brasil encontrou sua vitória, mas a Revolta dos Malês deixou efeitos que, mesmo não isoladamente, impactaram o processo de abolição. Foi uma das mais relevantes revoltas do período regencial, isto sem que tenha durado mais que uma madrugada. Saturno tem um passo lento, o que ajuda a Lua a solidificar seus efeitos. A memória dos malês abraçou o tempo e dele passou a fazer parte.

*“(...)Mesmo vovó
não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou.*

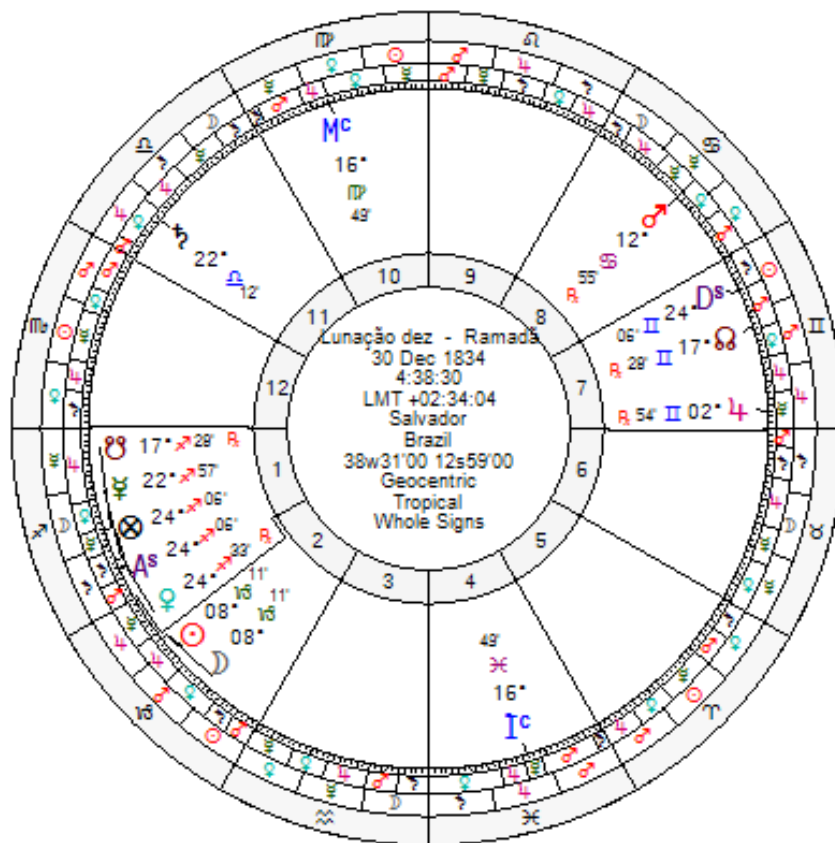
Na minh'alma ficou

*o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação.”*

Solano Trindade - Cantares ao meu Povo, 1961)

Ao buscarmos seu posicionamento nesse mapa, descobrimos a Lua localizada na segunda casa, como já dito, à distância de um grau do Nodo Sul e em fase minguante. Em astrologia mundana sabemos ser a Lua a representante do povo no céu, é a ela que recorremos quando pretendemos descobrir as condições e humores da população. Aqui neste mapa me parece que a Lua fala dos Malês, mas certamente não fala só deles. Parece falar de todo o povo de Salvador, todo aquele povo que de um modo ou de outro se viu afetado pelos acontecimentos daquela noite. Peregrina e sem maiores debilidades essenciais, sua localização na segunda casa indica uma preocupação para assuntos da sua natureza: os recursos dos quais dispomos. Sabemos que uma crise econômica significativa estava em curso naquele momento por motivações que iam desde limites para uma economia baseada em monocultura e dependente do mercado externo, até a proibição que os ingleses impuseram ao tráfico negreiro. Não cabe a mim aprofundamentos de ordem econômica, o que nos interessa é perceber que havia um cenário não só de crise e empobrecimento da população, como efetivamente avizinhava-se o fim de um modo de produção baseado no trabalho forçado e gratuito de uma parcela do povo. Apesar disso, no signo de Sagitário deveria haver um exagerado otimismo, um otimismo vindo da fé certamente, por parte dos Malês quanto ao que era necessário para se vencer uma batalha de tal magnitude.

O calendário islâmico é um calendário lunar, que tem entre suas principais enfermidades um mês especialmente sagrado, onde o jejum deve ser obedecido por todos os membros dessa fé, pois é seu quinto pilar. O Ramadã é o nono mês e tem a duração de uma Luação, iniciando-se na Lua Nova e encerrando na Nova seguinte. Era parte da estratégia mágico-militar dos revoltosos que a batalha pela Bahia ocorresse pouco antes do fim deste período, pois é ao fim do Ramadã que se comemora a vitória dos fiéis por terem superado seus desejos em nome de sua fé, nesse ano também comemorariam a vitória dos filhos de Alah sobre os infiéis que lhe escravizavam.



A Lunação do Ramadã ocorreu ainda no ano anterior, no dia 30 de dezembro de 1834 às 4h38 em Salvador. O encontro teve como ascendente da hora os 24°06' de Sagitário, ocorrendo na segunda casa dentro do signo de Capricórnio. Conseguimos observar algumas redundâncias com o mapa do evento. A Lunação ocorrendo em Capricórnio na segunda casa, tem uma Lua em exílio, a qual faltam recursos. Saturno dispõe os luminares, estando ele mesmo fortalecido pela exaltação, é novamente o planeta com mais força durante o evento. O ascendente em Sagitário eleva os temas de religião. Júpiter já estava exilado, mas dessa vez na casa do inimigo.

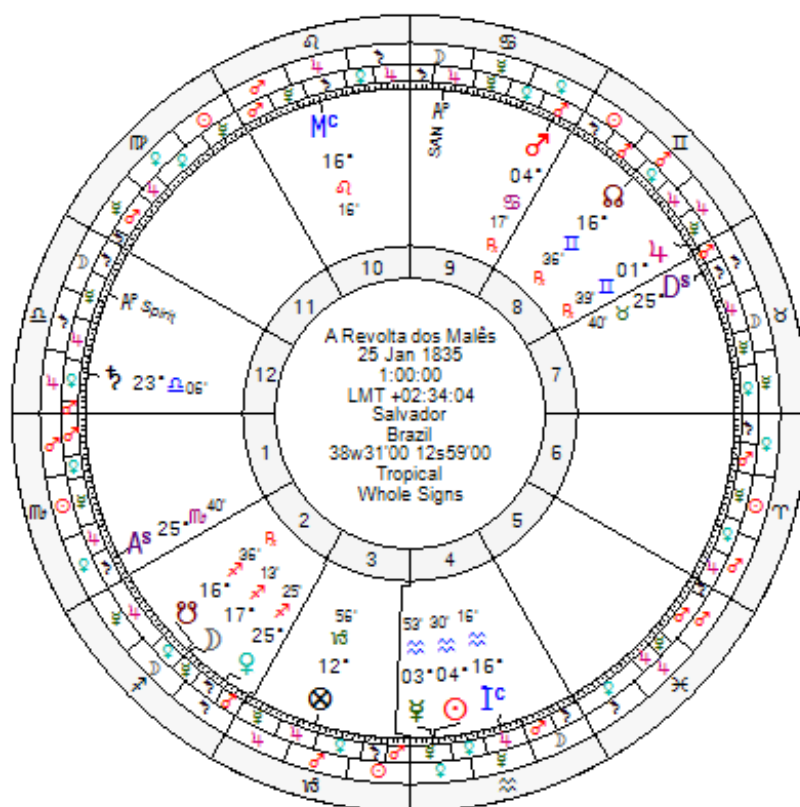
Mas talvez a posição mais interessante nesta Lunação seja a de Mercúrio que ganha papel de protagonista por encontrar-se em posição heliacal, estabelecendo com o Sol uma distância de 16 graus e vindo a frente deste e em Júbilo no raiar do dia. Exilado em Sagitário, o planeta reforça a ideia de uma língua estrangeira. A escrita dos Malês é até hoje o símbolo principal da organização de sua Revolta. Este mensageiro brilhava no céu na madrugada em que se abriu o menor ciclo dentro do qual a Revolta se realizou.

Uma fé estrangeira e exilada, um duplo lugar

*“Primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
Nega o deus deles, ofende, separa eles
Se algum sonho ousa correr, cê para ele
E manda eles debater com a bala que vara eles, mano”*

Emicida - Ismália

A astrologia nos diz que Júpiter - o grande benéfico - representa nossa fé, nossas crenças, nossos ideais e nossa relação com o divino. Tanto no mapa do evento, quanto no da lunação que lhe antecedeu ele estava em condição de exílio, tornando sua ação mais difícil.



Voltando ao mapa da Revolta, já vimos, posto pelas condições do regente do ascendente, que o estrangeirismo e a fé de nossos protagonistas parecem motivar, em última instância, a ação que se desenrola nesta cena. Seja por sua natureza própria, por co-participar junto a Lua como dispositor de Marte, por reger também esta Lua, e até mesmo por ser ele o regente do ascendente da lunação na qual estes eventos foram gestados e realizados - por qualquer destes motivos e certamente por todos eles - podemos perceber que Júpiter reforça e amplia tal motivação.

Estando retrógrado no grau 1°39' dos Gêmeos, este é outro planeta em importante condição de debilidade, afinal é aqui um dos lugares onde Júpiter encontra seu exílio. Embora a retrogradação pareça prometer fuga deste território débil, em menos de dois dias ele voltaria ao movimento direto, mantendo-o ali ainda por um longo período, ainda em exílio. Sendo ele o regente da segunda casa, podemos entender que além de si mesmos aqueles rebeldes contavam com pouco apoio, o que segundo João José Reis foi elemento fundamental para sua derrota.

Júpiter em Gêmeos enfrenta uma dubiedade que não lhe é própria, pois é ele aquele que julga por padrões muito claros de certo e errado.

"A diáspora é um fenômeno híbrido em sua essência. Haverá sempre uma duplicidade de presença/ausência, partida/chegada, alterando e constituindo as realidades individuais e sociais. A noção do retorno neste processo, apesar de ser uma possibilidade que só existe no seu devir, é sempre uma justificativa e um elo que se representa nem tanto em um espaço físico, mas sobretudo em um espaço social e simbólico. No caso dos escravizados, a comunidade religiosa se destacou como um dos mais fortes vínculos de identidade e segurança nas mais adversas realidades. Entre os escravizados muçulmanos não foi diferente; a religião se destacou como dimensão fundamental na vinculação com um grupo e também na confirmação social em território estrangeiro. Neste exercício, a comunidade religiosa pode oferecer plausibilidade de mundo, na medida em que é com ela que se compartilham percepções, sentidos e uma identidade, pois ao reforçar o aspecto simbólico-religioso, acionam a sensação de pertença". (Simões, 2019. p.48)

Esta dupla pertença, nem lá porque sequestrados, nem cá porque estrangeiros escravizados, não é imagem de um Júpiter geminiano? Aquele que tem sua fé, sua filosofia de existência tão distante daquela que é obrigado a participar. Um duplo lugar, que para aquele que reconhece sua origem, afinal regente por exaltação de Câncer, configura uma grande debilidade.

Júpiter é, no cálculo do Almutem Figuris, o eleito da carta. É ele a alma que lembra a missão e, portanto, o destino. Não sendo este um mapa natal é certo pensar uma alma? Se é Júpiter, por que não? Se este é um dos mitos fundadores da origem de nosso povo, Júpiter em Gêmeos parece ser o espírito que inspira a resistência da qual ele nos conta.

Outro personagem que se destaca em nossa narrativa é um sobre o qual recaem muitos mistérios, e apesar disso parece ter cumprido papel de maior relevância para a revolta. Ahuna foi o mais procurado naquele ano. Pouco antes do levante, a notícia de que ele já havia voltado de Santo Amaro corriam às ruas de Salvador, e parece ter sido sua chegada fato importante para a efetivação da revolta. Foi ele o único dos líderes Malês qualificado pelos depoimentos como “o maioral”. Reis diz que isso poderia sugerir ser ele um forte candidato a ser o imã da Bahia, ou seja uma liderança religiosa maior, um guia espiritual. Aqui há uma questão de interpretação na busca por este

importante personagem na carta astrológica. Embora provável líder espiritual, Ahuna também é apontado como peça chave da revolta, sendo também um líder militar. Entre Marte de casa 9 e Júpiter de casa 8, qual astro nos fala melhor sobre Ahuna? Talvez até mesmo os dois, mas Ahuna nunca foi encontrado pelas autoridades. Embora seu nome nas investigações figurasse como “maioral” e tudo aponte para um papel central seu, tendo sido enquadrado como cabeça do levante, sobre ele a devassa não conseguiu muitas informações.. Tanto que “quando naquele dia o júri deliberou sobre a culpabilidade dos réus, o nome de Ahuna já havia desaparecido por completo do processo para não mais reaparecer”.(Reis,2012. p.287)

Se a oitava casa é uma parte do céu invisível, talvez esta liderança se encontre ali, porque ninguém mais foi capaz de encontrá-lo em nenhum outro lugar.

Letramento

*"Vou aprender a ler
Pra ensinar meus camaradas"*

Yá Yá Massemba - José Carlos Capinam / Roberto Mendes

A fé muçulmana pressupõe o letramento, afinal Maomé deixou escrito o Alcorão, um livro religioso que orienta muito claramente a vida dos fiéis, tido como a palavra literal de Deus. Os estudos do Alcorão são um dos princípios mais importantes da realização desta fé. A realização disto, no entanto, estava bem longe de ser simples num contexto de escravidão onde a cristianização era uma justificativa, onde nem mesmo a população livre era altamente letrada e onde até pouco tempo as prensas eram proibidas na Colônia Portuguesa. Ainda assim, num contexto de escravidão urbana, os Malês conseguiram manter locais de reunião onde educavam os novos convertidos tanto na sua alfabetização quanto nos dogmas e costumes de sua fé. Sendo esta uma religião proselitista, é esperado sua expansão. O letramento aqui se reforça. Embora Júpiter estivesse exilado em Gêmeos, realizava um trígono com o regente deste signo, Mercúrio. Há um apoio, portanto, de Mercúrio que encontra a Júpiter. Se por um lado estar em terras estrangeiras era um elemento de desafio, por outro lado era a capacidade de ler e escrever em língua desconhecida pelo escravizador, e a capacidade de organizar espaços para esta educação, que em muitos níveis garantiu o planejamento de uma revolta deste tipo.

A relevância desta leitura para a prática da fé, e os esforços para fazê-la foram descritos em 1869 pelo Conde de Gobineau:

“A maioria dos Minas, senão todos, são cristãos externamente e mulçumanos de fato; porém, como esta religião não seria tolerada no Brasil, eles a ocultaram e a sua maioria é batizada e trazem nomes tirados do calendário. Entretanto, malgrado esta aparência pude constatar que devem guardar bem fielmente e transmitir com grande zelo as opiniões trazidas, da África, pois estudam o arábico de modo bastante completo para compreender o Alcorão ao menos grosseiramente. Esse livro se vende no Rio nos livreiros ao preço de 15 a 25 réis, 36 a 40 francos. Os escravos, evidentemente muito pobres, mostram-se dispostos aos maiores sacrifícios para possuir esse volume. Contraem dívidas para este fim e levam algumas vezes um ano para pagar o comerciante. O número de Alcorões vendidos anualmente eleva-se a mais ou menos uma centena de exemplares [...]”(Moura, 1983, p 87, apud Lopes 2021, p. 64)

Os antigos autores tradicionais nos contam que a figura do escravo ocupa a sexta casa de um mapa. Se em mapa natal será os servos de um homem, se em mapa mundano os de baixíssimo nascimento em um reino. No entanto, a forma de escravidão sobre a qual eles escrevem, baseada na servidão, difere da escravidão moderna onde a categoria é de escravo-mercadoria. No mapa deste evento os revoltosos são protagonistas, mas são, neste contexto, também escravos. Olho para eles através do ascendente, mas deveria olhar para a sexta casa? Talvez como uma informação extra, mas este também é o mapa de uma guerra, e neste caso os inimigos de nossos heróis estão representados pela sétima casa. Oras, se assim o é, os recursos dos quais dispõe os inimigos estão na 8ª casa. O regente desta é Mercúrio que está, por sua vez, na 4ª casa, ligado à terra, porém combusto.

Em uma sociedade onde o modo de produção é o escravagismo, qual recurso mais importante que aqueles submetidos a escravidão? Lembremo-nos que: 1 - a terra é também um recurso fundamental, mas, sem trabalho humano, não é capaz de produzir valor por si só; 2 - homem ou mulher escravizados eram tratados como objeto-mercadoria, além da capacidade de produzirem valor por seu trabalho, também o faziam sendo alugados ou produzindo ganhos, sendo ao mesmo tempo mão de obra e propriedade. Sendo assim, e sendo que os inimigos de nossos heróis são também seus escravizadores, podemos supor que de algum modo a oitava casa, a casa 2 da casa 7, fala também dos escravizados que se levantaram contra seus algozes. Podemos supor que nossos protagonistas assumem aqui dois papéis. O de regentes da primeira casa - o guerreiro estrangeiro humilhado - mas também o da oitava - um Mercúrio letrado, porém combusto.

Um planeta em combustão é aquele que está a uma distância de até oito graus do Sol. Colocado neste lugar dizemos que os assuntos do errante são queimados e/ou apagados. Isto se dá, pois uma vez que a luz solar a tudo se impõe, basta olhar para o céu para perceber que não é possível sequer mirar diretamente em direção ao Sol, muito menos ver qualquer planeta a seu lado, que some diante de sua luminosidade. Encobrir a capacidade de ler os textos em árabe foi artifício fundamental para aqueles acusados de participação na revolta protegerem-se. Era-lhes ordenado que traduzissem

os documentos encontrados nas casas investigadas, eram eles os únicos tradutores disponíveis. Confirmarem esta capacidade é o mesmo que confirmar participação na revolta, afirmar culpa. Mercúrio, por jamais afastar-se muito do Sol, frequentemente se encontra na condição de combustão, por esse mesmo motivo é ele o planeta que menos sofre com esta proximidade, porque nela ele descobre caminhos e formas de lidar com o que para outros é uma importante debilidade.

Se aceitarmos que a regência da oitava casa nos fala sobre os recursos do inimigo, e que nestas condições sociais a população escravizada estava submetida a condição de recurso de seus escravizadores. Se lembrarmos que diante do perigo para o regime que era um levante escravo tão bem organizado e com tamanho sentido de identidade, o poder colonial escolheu punir os revoltosos com penas tão definitivas quanto a extradição ou a morte, deste modo “queimando” seus próprios recursos. Se considerarmos tudo isso, nós podemos ler esta invisibilidade mercurial também como necessidade, palavra tão mercurial.

Onde nossa história se encerra, se é que encerra

*"Pense no Haiti
Reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui"*

Haiti - Caetano/ Gilberto Gil

Se o Sol é o rei, o governo e o poder centralizado, em Aquário (signo que lhe dá exílio) tem este seu direito divino negado. Passada a meia noite, embora em casa angular, o astro rei compartilhava com Mercúrio o território onde a vida se encerra. O Sol, embora desse a Mercúrio a importante debilidade da combustão, o fazia ele mesmo débil, sem poder mandar muita coisa. Os termos eram mercuriais - a coroa não sabia ler os textos daqueles que resolveram enfrentá-la. Tinha o controle sobre as vidas e mortes daqueles sobre os quais governava, mas não podia fazer com que estes esquecessem suas próprias identidades em troca das que lhes era imposta.

Diante do exílio solar, quem assumiu o governo naquele mapa foi Saturno. Foram sim os velhos mussurumins que guiaram seu povo, mas foi também a força da repressão que respondeu ceifando vidas e identidades. Naquela noite, Saturno aproximava-se da oposição ao grau de seu encontro com Júpiter catorze anos antes. Se na Grande Conjunção de 1821 o velho caía, levando consigo as estruturas de um modelo de sociedade que vivia seus últimos suspiros, ao alcançar esta

meia vida - desta vez exageradamente digno - ele reforçava estruturas que seriam mantidas muito além do fim da escravidão.

No entanto, para não terminar com terrível conclusão, quero lembrar que se é verdade que o medo das elites de um Haitianismo brasileiro diante da Revolta dos Malês da Bahia se aprofundou e produziu ainda mais violência e repressão, também é verdade que este mesmo medo não pode ser desconsiderado como fator da abolição da escravatura. O sistema escravista era insustentável e Saturno de décima segunda casa produziu medo nas elites. Lembro também que, se é verdade que a fé muçulmana negra foi extensamente reprimida de modo que já não temos memória coletiva de que ela é parte de nossa origem; também é verdade que de um modo ou outro ela sobreviveu na fé e cultura afro-brasileira, modificada diante da necessidade, nos patuás, abadás, nas vestes brancas e na santidade das sextas-feiras. E aquilo que permanece, que é cerne e osso de nós mesmos, também vem por parte de Saturno.

Bibliografia

AVELAR, Helena; **RIBEIRO** Luíz. Tratado das Esferas - Um Guia Prático da Tradição Astrológica. Prisma Edições. 2017

BACHELARD, Gaston. A Psicanálise do Fogo. Martins Fontes, São Paulo, 1994

ELIADE, Mircea. Mito e Realidade, Editora Perspectiva: São Paulo, 1972

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1968.

HUMBERT, Henri. “Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia”. São Paulo. Ed Usp 2016

LOPES, Nei. Bantos, Malês e Identidade Negra. Autêntica. Belo Horizonte, 2021.

MATERNUS, Firmicus - Matheseos liber VIII. BIBLIOTECA SADALSUUD (sem ano de edição)

MELLO, Priscila Leal . Leitura, Encantamento e Rebelião — O Islã Negro no Brasil. 2009. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

Mikropanastron. O Centiloquium de Ptolomeu - - Os Cem Aforismos de Ptolomeu. in: http://www.astrologiamedieval.com/O_Centiloquium_de_Ptolomeu.htm. BIBLIOTECA SADALSUUD, 2005.

MOURA, Clóvis. Dicionário da Escravidão Negra no Brasil. EdUSP. São Paulo, 2004.

REIS, João José. Rebelião escrava no Brasil - A História do Levante dos Malês em 1835. Companhia das Letras. Rio de Janeiro, 2012.

SIMÕES, Maria Cecília dos Santos Ribeiro. Escrever a resistência: uma análise das dinâmicas religiosas como narrativas insurgentes na Revolta dos Malês. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 22, n1, p. 43-56 jan./jun. 2019.

Astrologuês #28 - Grande Conjunção Júpiter-Saturno Entrevistado: João Acuio. Entrevistadora: Thamires Sarti. Dez 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3nnudlC1ezQdYFLiSAiFAT?si=2397701780834de0> . Acesso em 15 de novembro de 2022.